

Silvia Helena ZANIRATO*

MALERBA, Jurandir (org.). *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

A teoria da história tem por objetivo analisar o que sempre foi a base do pensamento histórico em sua versão científica e que, sem a explicitação e a explicação por ela oferecidas, nunca passaria de pressupostos e de fundamentos implícitos. (Rüsen, 2001, p. 14)

A epígrafe acima não tem um caráter meramente decorativo nesta resenha. Antes, ela visa a enfatizar que a produção do conhecimento histórico é complexa, e que essa complexidade implica examinar os fundamentos da ciência da história, de modo que se compreenda como é organizado o pensamento histórico.

Essa é a preocupação que permeia o livro *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*, organizado pelo professor Jurandir Malerba. Uma obra para fundamentar estudos sobre o conhecimento histórico, sobre o campo da pesquisa histórica e da historiografia em sua interdependência, composta por dez textos de renomados historiadores que voltam suas reflexões para o fazer histórico, cientes de que essa reflexão é vital para a escrita da história.

Trata-se de um livro denso, com discussões sistematizadas a respeito de uma teoria da historiografia. Com esse propósito os textos contemplam considerações teóricas sobre a historiografia e a epistemologia da história. Esses temas são abordados em quatro blocos temáticos.

O primeiro deles versa sobre estudos que envolvem o conceito de historiografia e o estatuto teórico do texto historiográfico. Essa seção é aberta com um texto do organizador e que nos traz uma discussão sobre o caráter auto-reflexivo do conhecimento histórico e sobre as definições construídas para a historiografia. Com esse objetivo o autor enfatiza o que compreende como uma característica básica do conhecimento histórico, ou seja, a sua própria historicidade. Essa particularidade é que revela a importância de um olhar crítico para a historiografia, da necessária retificação das versões produzidas por historiadores de tempos em tempos, que contribuem para alargar o conhecimento teórico-metodológico da disciplina. Assim, afirma Malerba, se a

historiografia é um produto da história, logo tem uma historicidade, o que a torna, portanto, objeto e fonte da história.

Ciente de que a historiografia tem uma história, o historiador Horst Walter Blanke se propõe a elaborar uma tipologia da história da historiografia de modo que mostre que essa história não é “uma simples coleção de exemplos” (p. 53). Com essa preocupação apresenta tipos de história da historiografia que são encontrados e que traduzem práticas científicas de historiadores preocupados tanto em afirmar quanto em negar os princípios ideológicos dos trabalhos selecionados. Em busca de uma compreensão do alcance e dos limites da reflexão acerca da historiografia, o autor traz também uma instigante análise de um projeto desenvolvido entre fins da década de 1980 e fins de 1990 em Bielefeld, Alemanha, cujo objetivo foi analisar a historiografia europeia da Época Moderna e assim realizar uma história da história.

O texto de Máximo Mastrogregori que se insere nesse bloco contempla aspectos metodológicos necessários aos estudos da historiografia. Mastrogregori inicia sua apresentação discutindo métodos e afirmando a importância de um projeto metodológico rígido que dê conta desse propósito. Destaca as dificuldades que se colocam uma vez que há um número significativo de publicações de história da historiografia, o que implica sempre um processo seletivo, no qual textos não são considerados porque a circulação desse tipo de produção se restringe aos limites de uma corporação de especialistas (p. 68). O autor sugere que as análises destinadas aos estudos historiográficos tomem um campo histórico mais amplo e englobem o que ele conceitua como uma produção fundamentada na “tradição das lembranças”, ou seja, na “ações da memória e do esquecimento, de conservação e de destruição”.

Fechando esse bloco está o texto de Frank Arkersmit a respeito da epistemologia da história. Uma das questões instigantes levantadas pelo autor se apresenta quando este afirma que a epistemologia é essencialmente metafórica e que a historiografia e o pensamento histórico expressam esse sentido. Esse pressuposto norteia a análise de Arkersmit ao tomar tanto a teoria historicista da história quanto a historiografia pós-moderna para evidenciar tal recurso presente nas estruturas dos textos produzidos pelos historiadores desses movimentos.

O segundo bloco de textos que compõe a obra organizada por Malerba traz ensaios teóricos e metodológicos que têm em comum o campo da história da historiografia. Nele se vêem estudos de Jörn Rüsen, Masayuki Sato e Angelika Epple. O texto de Rüsen versa sobre estudos historiográficos comparativos. Esse autor destaca a

importância de estudos que contemplem as similaridades e as diferenças nos domínios da historiografia e procura traçar considerações a respeito do método de comparação, salientando que a estratégia comparativa tanto pode resvalar em dicotomia entre o eu e o outro, como pode ressaltar a diversidade de tradições historiográficas de diferentes culturas.

Angelika Epple, por sua vez, recorre à historiografia do gênero com vistas a apresentar desafios que se colocam para a elaboração de uma história dessa ordem. Epple toma a historiografia como uma forma específica de narrativa histórica e propõe a ampliação desse conceito, para além da produção acadêmica.

Masayuki Sato analisa as relações entre a historiografia produzida pelo mundo Ocidental em comparação com a historiografia produzida no Oriente. Seu texto percorre a difusão da cultura ocidental mundo afora a partir da segunda metade do século XIX e demonstra as influências desse modo de pensar na produção do conhecimento histórico oriental, que incidiu, sobretudo, na tradição historiográfica cognitiva. Com isso, argumenta o autor: “a introdução da pesquisa histórica ocidental moderna foi o arauto do fim da historiografia de estilo asiático, cujo objetivo era a descrição compreensiva do mundo inteiro” (p. 165).

O terceiro bloco é composto por um único texto e se volta para o campo epistemológico da prática historiográfica. Arno Welling trata desse assunto ao analisar a história da historiografia como um “laboratório” de uma epistemologia histórica, ou seja, como um campo de experimentação de categorias e procedimentos epistemológicos. O autor procura demonstrar que a mudança paradigmática trouxe o questionamento do monismo epistemológico e revelou a necessidade de uma “crítica da razão científica”, no sentido da reavaliação periódica da produção intelectual. Welling ressalta que esse exercício de desconstrução da historiografia contribui efetivamente para o aperfeiçoamento da ciência histórica, vista como ideográfica e não nomotética.

Encerrando a coletânea, o quarto bloco traz textos de Hayden White e de Carlo Ginzburg. Nele se vê uma profunda discussão com respeito ao estatuto do texto historiográfico. As análises debatem o anti-realismo epistemológico e o narrativismo com vistas a repensar o sentido de verdade do conhecimento histórico. Enquanto White afirma a relatividade da representação dos fenômenos históricos, Ginzburg é categórico ao declarar a significação dos testemunhos disponíveis para a construção da explicação histórica.

Por todo esse conjunto, *A História Escrita. Teoria e história da historiografia*, livro aqui resenhado, não deixa de ser uma obra que merece ser lida e estudada por todos aqueles que se preocupam em investigar o processo de produção do conhecimento histórico.

Resenha recebida em 10/2006. Aprovada em 11/2006.

* Professora de Teorias da História da Universidade Estadual de Maringá. Pós-Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq.